

PROJECTOS PROJECTS

Chaucer e Camões

Miguel Alarcão
(NOVA FCSH/CETAPS)

Às Professoras Doutoradas Leonor Santa Bárbara (NOVA FCSH)
e Maria Helena Trindade Lopes (NOVA FCSH)

Em três artigos publicados nesta mesma revista (Alarcão, 1997, 2010 e 2013), tivemos oportunidade de aludir a uma questão de indiscutível relevância para os Estudos Comparatistas, incluindo, naturalmente, os Estudos Anglo-Portugueses: a de definir se o comparatismo – literário-cultural ou qualquer outro – implica e pressupõe sempre e necessariamente (um)a existência (com)provada de relações causais de influência entre as fontes em apreço. Como então escrevemos:

A nossa reflexão teórica colectiva sobre este campo não tem sido muito abundante, mas estamos de acordo com Carlos Ceia, quando [...] advoga (ou, pelo menos, admite) uma não absoluta imprescindibilidade de influências comprováveis(adas), unívocas e/ou biunívocas, directas e/ou mediadas, entre diferentes *corpora* (autores, temas, textos, géneros, correntes, movimentos...) para a prossecução de pesquisas no terreno das

intertextualidades, interliterariedades e/ou interculturalidades anglo-portuguesas ou, se se preferir, luso-anglófonas.¹ (2013, 70-71)

Tendo em conta esta conveniência, senão necessidade, de uma maior reflexão teórico-conceitual e científica, começaremos por abordar “The Knight’s Tale”, texto que integra *The Canterbury Tales* (c.1386-), a obra-prima, embora incompleta, de Geoffrey Chaucer (1342?-1400).

Em jeito de apresentação sumária, “The Knight’s Tale” – a narrativa inaugural e a mais extensa de quantas integram *The Canterbury Tales*² – é uma novela de cavalaria em verso (*metrical romance*), narrando as aventuras e desventuras amorosas de dois jovens príncipes tebanos (Palamon e Arcite, ou Arcita), após a sua captura por Teseu, Duque de Atenas, na sequência da conquista grega de Tebas.³ Como refere, a propósito, S. S. Hussey, “It [the poem] is set in Ancient Greece, but, with the usual medievalisation of the classics, Theseus becomes a duke and Palamon and Arcite young knights, rivals for the love of Emily, Theseus’ sister in law, who has all the charm of a romance heroine.” (129)

Com efeito, durante o seu cativo ateniense, ambos os prisioneiros se apaixonam por Emily, facto que não só coloca em risco a fraternal amizade que os une como irá inspirar, anos mais tarde, um anacrónico torneio entre ambos e respectivos apoiantes, sendo

1. “Na prática, [...] não se parte de uma circunstância documental ou historicamente relevante, identificada à partida entre dois textos literários pertencentes a duas culturas e línguas diferentes, mas [...] de um tema que [...] é tratado de forma semelhante nesses textos. [...] uma leitura comparada temática pode levar-nos de um texto ao outro, [...] sem decidir um texto de partida e um texto de chegada. Uma leitura amplificada do próprio conceito de comparatismo literário pode beneficiar os estudos nesta área, porque deixarão de estar circunscritos a problemas de influências ou ansiedades de influências, [...]” (Ceia 101) e, linhas adiante, “Parece-nos tão legítimo optar por um programa de banda estreita [...] (investigação dos intertextos culturais e/ou literários) como por um programa de banda larga [...] (investigação de temáticas comuns a textos de literaturas nacionais diferentes, mas que partilham o mesmo espaço institucional, como é o caso dos estudos anglo-portugueses).” (102)
2. Segundo Charles Muscatine, “Despite the fact that the interpretive literature on Chaucer’s *Knight’s Tale* is extensive, the poem has remained one of the most baffling of the *Canterbury Tales*.” (60)
3. Na sua obra *Chaucer’s Knight. The Portrait of a Medieval Mercenary*, Terry Jones propõe uma leitura alternativa e heterodoxa do cavaleiro e do seu conto como uma representação e um reflexo da degradação ética, moral e comportamental da cavalaria e dos seus ideais mais nobres; veja-se sobretudo o cap. 4, 141-216.

o vencedor premiado com a mão de Emily. O faustoso recinto onde esse torneio tem lugar dispõe de três templos pagãos ricamente decorados e minuciosamente descritos pelo narrador chauceriano. Cada templo é visitado por uma das personagens no sentido de obter o favor dos deuses, sendo de destacar que enquanto Emily reza no templo de Diana, numa tentativa de manter a sua castidade/virgindade, Arcite/Arcita dirige-se ao templo de Marte e Palamon ao de Vénus. Tudo indica, pois, que Arcite tem uma visão mais ‘belicista’ e ‘aquisitiva’ do amor (como conquista, por assim dizer) enquanto Palamon privilegia a componente sentimental ou ‘romântica’; e, na verdade, a vitória final sorrirá a Palamon (o primeiro a vislumbrar Emily do alto da torre onde haviam estado encarcerados),⁴ mas não sem algumas voltas da caprichosa e volúvel Roda da Fortuna, um conceito estrutural(ante) da cosmovisão medieval, renascentista e não só,⁵ omnipresente *pari passu* na obra chauceriana e ainda glosado implicitamente por Luís de Camões (c.1523-1580) no célebre soneto “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”.

Para os presentes efeitos, o episódio que nos interessa prende-se com a forma como a evolução deste conflito terreno é seguida pelos deuses lá no “assento etéreo”, deuses esses que intervêm no desenrolar e no desenlace da luta, corporizando e exercendo *ex machina* as funções actanciais de “adjuvantes” e “opponentes” propostas por Greimas.⁶ A primeira transcrição reporta-se à supremacia inicial de Arcite/Arcita sobre Palamon:

Immediately an uproar was begun
Over this granted boon in Heaven above
As between Venus, fairest Queen of Love,
And the armipotent Mars; it did not cease,

4. O apuramento da natureza e anterioridade/prioridade da paixão por Emily – de Palamon por uma deusa ou de Arcite por uma mulher? – pode ser lido como uma paródia de Chaucer (48-50 *passim*) aos debates escolásticos e amorosos do ideal cavaleiresco e da cultura cortês.

5. Lembremos aqui rapidamente a popularidade e relevância de *De Consolatione Philosophiae*, de Boécio, obra que o próprio Chaucer traduziu (c.1380-1385).

6. Veja-se, sobre este ponto, Borregana 24.

Though Jupiter was busy making peace,
 Until their father Saturn, pale and cold,
 Who knew so many stratagems of old,
 Searched his experience and found an art
 To please the disputants on either part.
 [...]
 'My dearest daughter Venus,' said old Saturn,
 'My heavenly orbit marks so wide a pattern
 It has more power than anyone can know;
 [...]
 Then weep no more, for by my diligence
 This Palamon, your dedicated knight,
 Shall have his lady, as you swore he might.
 Though Mars should help his champion, none the less
 Peace must be made between you soon, I guess,
 [...]
 I am your grandfather and, as before,
 I'll do my best to please you; weep no more.' (Chaucer 84-85)

A segunda transcrição relata o ponto de viragem, antecipando a vitória de Palamon/Vénus sobre Arcita/Marte:

What now can lovely Venus do above?
 What is she saying, hapless Queen of Love?
 Wanting her will her eyes were filled with mists
 And shining tears fell down upon the lists.
 She cried, ' I am disgraced and put to shame!'
 But Saturn said, 'Peace, daughter, watch the game.
 Mars has his will, his knight has had his boon,
 But, by my head, it shall be your turn soon.'
 The trumpeteers with loudest minstrelsy
 And the shrill heralds shouting frenziedly
 Were in high joy for honour of Arcite.
 But listen quietly and keep your seat,
 See what a miracle happened thereupon!

The fierce Arcita, with no helmet on,
 Riding his courser round to show his face
 Cantered the whole length of the jousting-place,
 Fixing his eyes on Emily aloft;
 And her returning gaze was sweet and soft,
 [...]

 Out of the ground behold a fury start,
 By Pluto sent at the request of Saturn.
 Arcita's horse in terror danced a pattern
 And leapt aside and foundered as he leapt,
 And ere he was aware Arcite was swept
 Out of the saddle and pitched upon his head
 Onto the ground, and there he lay for dead;
 His breast was shattered by the saddle-bow.
 As black he lay as any coal or crow
 For all the blood had run into his face. (Chaucer 90-91)

Numa interpretação astrológica, sem dúvida sugestiva, do conto de Chaucer, Jill Mann defende que “[...] the planets appear not as agents of an independently exercised ‘goddess wil’, but as emblems (as well as representatives) of the natural forces through which the ‘goddess wil’ – the pattern of destiny – realizes itself”, (86) desenvolvendo esta tese algumas páginas adiante:

[...] the course of events is not dictated merely by chance, but by the will of higher powers. [...] For Palamon and Arcite, Venus, Mars, Saturn, and the rest are ‘gods’: when we look closer, however, we can see that it is not as deities but as planets that they exert power. [...]

It is because Saturn's sphere is the outermost in the planetary order (his course thus being widest of all) that his influence dominates the planets beneath him. His overruling influence means that the lesser influences exerted by Mars and Venus will resolve themselves into a malevolent pattern: his sending of a ‘furie infernal’ to startle Arcite's horse is an anthropomorphic representation of a cosmological phenomenon. It is *because* Mars and Venues are planets, and not independent pagan deities, that Palamon

and Arcite win their favour; both knights take care to make their pleas at the astrologically correct hour, when the planet's power is at its height, and response to human prayers follows according to a quasi-physical law of cause and effect. The importance of this is [...] that the planets act according to their nature, not according to their whims. (88-89 *passim*)⁷

Outros ilustres chaucerianos argumentam que “the pagan surface of the story is supported [...] by the inner structure of scientific truth (as it then appeared) according to which the gods are really the planets, who [...] influence people's lives.” (Brewer 110) e que “since some of the classical gods had become identified with the medieval planets, they could [...] be said to govern the destiny of humans.” (Hussey 133)

Independentemente de abordagens e perspectivas, os excertos citados de “The Knight's Tale” trazem-nos à memória um episódio semelhante de *Os Lusíadas* (1572), não obstante a natural existência de algumas diferenças. Assim, também a empresa marítima dos portugueses comandados por Vasco da Gama vai ser acompanhada pelos deuses no Olimpo⁸ e debatida no célebre concílio logo no Canto inaugural (estrofes 30-41); ao contrário, porém, do conto de Chaucer, Marte e Vénus não se acham em campos opostos na epopeia camoniana, antes funcionando ambos como “adjuvantes” dos argonautas

7. Sobre os conhecimentos e interesses astrológicos e astronômicos de Chaucer, ele próprio autor de um tratado sobre o astrolábio (1391), veja-se, por exemplo, Chauncey Wood in Rowland (ed.), 202-220. Muriel Bowden propõe, por sua vez, uma leitura astrológica das horas de visita aos templos em “The Knight's Tale” (97); cf. também Winny in Hussey, Spearing e Winny (eds.), 163-164 e 173-174.

8. No seu tríptico ensaístico “*Os Lusíadas* e o Ideal Renascentista da Epopeia”, António José Saraiva defende que “[Camões] inventou um drama de personagens mitológicas a condicionar os acontecimentos do mundo sublunar: [...]”, (84) drama esse que, páginas adiante, definirá como (um)a “comédia dos deuses”, (109ss) concluindo: “Se comparamos n'Os *Lusíadas* a acção dos deuses com a dos homens, encontraremos uma coisa interessante: os deuses são dotados das paixões, ódios, simpatias, enternecimentos e cóleras que [...] geralmente atribuímos aos homens de carne e osso, o que torna possível entre eles um enredo dramático e um desenlace, ao passo que os homens são, ao contrário [...], hirtos vultos, agarrados ao leme da sua missão histórica, sem respiração humana, impassíveis, inproveitáveis para uma intriga.” (112-113)

Maria Vitalina Leal de Matos adopta uma posição similar, ao escrever: “É grave, do ponto de vista narrativo, que a resolução dos obstáculos acabe por decidir-se no plano mitológico com a vitória de Vénus sobre Baco em relação à qual o êxito de Vasco da Gama apenas parece ser a consequência. Tudo se passa como se a acção humana não tivesse a capacidade de decidir, como se os homens fossem apenas o juguete das lutas entre os deuses.” (31)

portugueses, cujo “opponente” é agora Baco, responsável por maqui-nações, disfarces e ciladas,⁹ que, embora superados por Vénus e os seus aliados (além de Marte, Mercúrio e as Ninfas ou Nereidas), fazem girar a inconstante Roda da Fortuna. Em dado momento, tal como em “The Knight’s Tale”, também uma Vénus lacrimosa irá buscar a intercessão e ajuda de Júpiter (Canto II, estrofes 33ss):

E, *co* seu apertando o rosto amado.
 Que os *saluços* e lágrimas aumenta,
 Como *minino* da ama castigado,
 Que quem no afago o choro lhe *acrecenta*,
 Por lhe pôr em sossego o peito irado,
 Muitos casos futuros lhe apresenta,
 Dos Fados as entranhas revolvendo.
 Desta maneira, enfim, lhe está dizendo:

Fermosa filha minha, não temais
 Perigo algum nos vossos Lusitanos,
 Nem que ninguém comigo possa mais
 Que esses chorosos olhos soberanos;
 Que eu vos prometo, filha, que vejais
 Esquecerem-se Gregos e Romanos,
 Pelos ilustres feitos que esta gente
 Há-de fazer nas partes do Oriente. (91-92, estrofes 43-44)

A inserção camonianiana de deuses e de uma mitologia pagãos num poema cuja cosmovisão é globalmente cristã viria a inspirar, como se sabe, algumas críticas por parte de teorizadores mais puristas (entre os quais Voltaire),¹⁰ alinhados com regras e princípios prescritivos ou normativos no tocante à teoria dos géneros literários e à chamada

9. Cf. sobretudo os Cantos I, VI e VIII, incluindo, no Canto VI, o encontro com Neptuno e o Concílio subaquático dos Deuses, simetricamente oposto ao seu homólogo no Olimpo.
 10. *An Essay upon the Civil Wars of France, extracted from various manuscripts. And also upon the Epick Poetry of the European Nations from Homer down to Milton* (1727). A tradução francesa, da autoria do Abade Des Fontaines, só foi publicada em 1733, sob o título de *Essai sur la poésie épique*.

“dicção poética”. Tendo em mente este sincretismo, valerá a pena recuperar as palavras de William Frost sobre “The Knight’s Tale”:

Destiny proper is represented first by the three divinities to whom the rivals, and Emelye, appeal; then by Saturn, who settles the issue among the divinities; and ultimately by a Divinity [...] beyond all particular divinities. This ultimate godhead [...] is identified by Theseus with ‘Juppiter’; but the conception [...] given by Theseus’s speech [...] sets him significantly apart from those other representatives of the classical pantheon who figure in the Knight’s Tale. These – Mars, Diana, and the rest – are as much stars as gods; and being stars they are the particular manifestations of Fortune, or Destiny, which is the agent, ultimately, of Providence. In *Paradise Lost* the pagan deities are assimilated to Christian story by their banishment to hell as rebel angels; in the Knight’s Tale they still reign in the physical heavens, [...] as deputies of a transcendent sovereign. (131-132)

A hipótese de Chaucer (séc. XIV) ter conhecido a obra de Camões (séc. XVI) é, manifestamente, uma impossibilidade cronológica; já o contrário não o é, embora não disponhamos – há que reconhecê-lo – de quaisquer elementos comprovativos ou abonatórios. Curiosamente, o mesmo E. M. W. Tillyard que sustenta “[...] the *Knight’s Tale* [...] never attempts to leave the [...] area of romance for the [...] one of epic. It is perfect, but its emotional scope is strictly confined” (149-150) viria a dedicar todo um capítulo à epopeia camoniana (Parte III, cap. VII, 238-250), notando em dada altura:

He [Camões] follows Virgil in making Venus the protectress of his hero, but differs from him in making Bacchus not Juno the hostile divinity. [...] He had read Homer in a Latin translation and may have owed some details to him. Anyhow he gloried in being in debt to the Classics and uses that debt persistently and without stint to enrich his narrative. (245)¹¹

11. C. M. Bowra, no capítulo intitulado “Camões and the Epic of Portugal”, salienta igualmente que “his aim was to write for his own country a poem which should rival the *Aeneid* in artistic perfection and in national aim. He understood what he was doing; for he was an accomplished Latinist, who knew the Latin poets with a lover’s intimate knowledge, and hardly a page of *Os Lusíadas* fails to awake some echo

Considerando, por último, a famosa “troika” tardo-medieval associada aos primórdios florentinos da (história da) literatura italiana, é usual realçar-se a influência de Francesco Petrarca (1304-1374) na obra poética de Camões e de Giovanni Boccaccio (1313-1375) na de Chaucer;¹² como é sabido, o próprio “The Knight’s Tale” foi inspirado em *Teseida Delle Nozze d’Emilia*, o longo poema épico de Boccaccio, composto c.1340-1341.¹³ Para Derek Brewer,

Teseida is the first ‘modern’ epic, that is, one that copies Virgil’s *Aeneid*. It is a work of genuine Humanism, [...] going back to the Latin classics and imitating them closely, though in the vernacular. [...] But its essential plot is a [...] medieval romance. Boccaccio was still medieval under the Humanist cloak. Chaucer was, from this point of view, fully medieval. He threw away the cloak, ruthlessly cutting out excess material. (107)

Ainda nesta linha comparatista, sublinha Mark Miller:

Like Boccaccio, Chaucer parallels the conflict between Palamon and Arcite with a conflict between the gods whose support they seek, namely Venus and Mars. But unlike Boccaccio, whose gods are happy to cooperate in giving Arcite military victory and then killing him off so that Palamon can win in love, the gods of *The Knight’s Tale* remain irreconcilable. Even Jupiter is powerless to force their reconciliation. (61-62)

Ora, a *Teseida*, tal como *Os Lusíadas*, recorre à *ottava rima*; aliás, “não esqueçamos [...] que Camões tinha presentes os intentos realizados no mundo românico, desde a *Teseida* de Boccaccio, para igualar ou superar a *Eneida*. De Boccaccio vinha a consagração da oitava como estrofe da nova épica [...]”, (Valverde 206) podendo ler-se na

of them” (88) e ainda que “to simplify his theological machinery Camões uses only a small number of divinities, and all who really matter are Jupiter, Venus and Bacchus. The first two owe something to Virgil; the third is Camões’ own choice and almost his own creation.” (*Ibidem*, 111)

12. Sobre essa influência, detectável precisamente na relação intertextual entre *Teseida* e “The Knight’s Tale”, veja-se o estudo rigoroso e bem documentado de Piero Boitani.

13. Disponível em https://ia800100.us.archive.org/11/items/185BoccaccioTeseidaSi055/185_Boccaccio_Teseida_si055.pdf. Sobre este ponto, vejamos, por exemplo, Boitani e Cooper 61-91.

respectiva nota: “Camões deve a Boccacio [*sic*] não pouco da copiosa informação clássica sobre nomes de lugar, e mitologia de que faz gala nas suas obras [...]” (*Ibidem*, n.24)

Um rastreio específico deste possível ramal italiano, ‘triangulando’, por assim dizer, um projecto de investigação que se pretende e assume anglo-português, não terá talvez lugar nem fará sequer sentido numa revista como a presente; contudo, a verdade é que, ao abrigo da sua formação classicista e humanista, Camões poderá(ia) ter colhido a ideia do episódio do Concílio dos Deuses directamente em Boccaccio ou nos autores épicos greco-latinos, em vez de Chaucer, não descurando, evidentemente, a própria dívida de Chaucer para com os clássicos, atestada, entre outros, por Richard L. Hoffman.¹⁴ Fica o desafio.

Obras Citadas

- Alarcão, Miguel. “Amor para além da Morte ou as ‘Cruzes de Leonor’”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, n° 19 (2010): 43-60.
- . “Dedicated Followers of Fashion: Do Toucador de Belinda ao Quarto de Carlos”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica/Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas, n° 6 (1997): 7-33.
- . “‘Essa Palavra Saudade’: Para uma Poética Anglo-Portuguesa”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, n° 22 (2013): 57-75.

14. “Chaucer’s knowledge of Statius, especially the *Thebaid*, was well authenticated [...] by B. A. Wise [*The Influence of Statius upon Chaucer*. New York: Phaeton Press, 1967; ed. orig: 1911]” (186); sobre Estácio, cf. também *ibidem*, 192, incluindo duas citações de Paul M. Clogon: “Chaucer may have been influenced by the *Thebaid* glosses in [...] *Anelida and Arcite* [...] and the *Knight’s Tale* [...]” and that he may be even more generally and extensively indebted to ‘the rich font of classical and mythological lore in the glosses and commentaries on Statius’”. (*Ibidem*)

- Boitani, Piero. *Chaucer and Boccaccio*. Oxford: Published by the Society for the Study of Medieval Languages and Literatures. "Medium Aevum Monographs". New Series, VIII, 1977.
- Borregana, António Afonso. *Análise de 'Os Lusíadas'. Episódios Fundamentais*. Setúbal: Edição do Autor, 1987.
- Bowden, Muriel. *A Reader's Guide to Geoffrey Chaucer*. London: Thames and Hudson, 1977 (1964).
- Bowra, C. M. "Camões and the Epic of Portugal". *From Virgil to Milton*. London: Macmillan and Co. Ltd., 1945. 86-138.
- Brewer, Derek. *An Introduction to Chaucer*. London/New York: Longman Group Limited, 1984.
- Camões, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, Lda., 1972.
- Ceia, Carlos. "Para a Definição do Conceito de Estudos Anglo-Portugueses." *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses* (Lisboa, 6-8 de Maio de 2001). Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2001 [sic: 2003]. 97-102.
- Chaucer, Geoffrey. *The Canterbury Tales Translated into Modern English by Nevill Coghill*. Harmondsworth: Penguin Books, "Penguin Classics", 1982 (1951).
- Cooper, Helen. *Oxford Guides to Chaucer – The Canterbury Tales*. Oxford: Oxford University Press, 1991 (1989).
- Frost, William. "An Interpretation of Chaucer's Knight's Tale". J. J. Anderson (ed.), *Chaucer. The Canterbury Tales. A Selection of Critical Essays*. London/Basingstoke: The Macmillan Press, "Casebook Series", 1977 (1974).
- Hoffman, Richard L. "The Influence of the Classics on Chaucer". *Companion to Chaucer Studies*. Revised edition. Ed. Beryl Rowland. New York/Oxford: Oxford University Press, 1979 (1968). 185-201
- Hussey, S. S.. *Chaucer: An Introduction*. London: Methuen & Co. Ltd, "University Paperbacks", 391, 1971.
- Jones, Terry. *Chaucer's Knight. The Portrait of a Medieval Mercenary*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1980.
- Mann, Jill. "Chance and Destiny in *Troilus and Criseyde* and the *Knight's Tale*". *The Cambridge Chaucer Companion*. Ed. Piero Boitani e Jill Mann. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. 75-92.

- Matos, Maria Vitalina Leal de Matos. *Introdução à Poesia de Luís de Camões*. 3ª ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, "Biblioteca Breve", nº 50, 1992 (1980).
- Miller, Mark. "The Knight's Tale and the Estrangements of Form". *The Cambridge Companion to 'The Canterbury Tales'*. Ed. Frank Grady. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. 59-72.
- Muscatine, Charles. "Form, Texture, and Meaning in Chaucer's Knight's Tale". *Chaucer. Modern Essays in Criticism*. Ed. Edward Wagenknecht. New York: Oxford University Press, "Galaxy", 1959. 60-82.
- Saraiva, António José. "Os Lusíadas e o Ideal Renascentista da Epopeia". *Para a História da Cultura em Portugal*. 5ª ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980 (1946), vol. I. 81-161.
- Tillyard, E. M. W. *The English Epic and Its Background*. New York: Galaxy Books, 1966 (Oxford University Press, 1954).
- Valverde, José Filgueira. *Camões. Comemoração do Centenário de "Os Lusíadas"*. Tradução de Albina de Azevedo Maia. Coimbra: Livraria Almedina, col. "Novalmedina", 47, 1981 (*Camoens – Commemoracion del Centenario de "Os Lusíadas"*). Madrid: Editora Nacional, 1975).
- Winny, James. "Chaucer's Science". *An Introduction to Chaucer*. Ed. Maurice Hussey, A.C. Spearing e James Winny. Cambridge: Cambridge University Press, 1986 (1965). 153-184.
- Wood, Chauncey. "Chaucer and Astrology". *Companion to Chaucer Studies*. Revised edition. Ed. Beryl Rowland. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1979 (1968). 202-220.